

# HOMEM HUMANO DO SERTÃO

Profa. Ms. Ana Maria Albernaz<sup>1</sup> (UFRJ)

**RESUMO:** *Por três vezes a expressão homem humano aparece na narrativa do “Grande Sertão: Veredas”. Nas duas primeiras é aberta a marginação por onde decorre o percurso do homem em encontro à humanidade que o pertence e circunstancia, na terceira se revela o próprio sentido do atravessamento, na destinação que conduz homem ao humano como travessia. A partir de elementos recolhidos na própria obra é feita uma interpretação do pensamento acerca da questão do Homem em Guimarães Rosa.*

**Palavras-chave:** *homem, humanidade, Grande Sertão: Veredas, jagunço*

## Introdução

Nosso trabalho parte da consideração de que a formulação da expressão homem humano, repetida em três ocasiões distintas na narrativa do Grande Sertão, parece sinalizar uma questão importante na obra de Guimarães Rosa, que é do lugar do homem, da pergunta pelo que é o homem, do que é propriamente o humano. Inicialmente o que se verifica na expressão é uma reiteração qualificativa onde é conferido ao que se nomeia exatamente o atributo que o fundamenta como nome, ou seja, se nomeia o que é com o que lhe é fundamentalmente próprio, se diz que ser humano é uma propriedade do ser homem, ou ainda, que ao homem é próprio ser humano. A princípio, esta afirmação poderia ser considerada auto-evidente se tomarmos como sabido e idêntico o que vem a ser o homem e o humano, desse modo a expressão se mostraria totalmente sem sentido e inútil. Alternativamente, poderíamos considerá-la como uma figura de linguagem, um pleonismo, que com a redundância visaria intensificar o significado do referente que reitera. Contudo se questionamos aquele conhecimento acerca do homem e do humano, por um lado, e o consideramos assim, como algo a ser pensado, apreendido; e se por outro lado, tomamos as figuras de linguagem não como efeitos meramente lingüísticos, característicos da modalidade poética da linguagem, mas como recursos para evocação de algo para além da obviedade e do imediato entendimento que a poesia procura alcançar. Nesse caso, a meditação acerca dessa expressão, a observação do modo como a cada vez aparece, pode sugerir um caminho de pensamento da questão do homem, tal como indicado por Heidegger na sua *Carta sobre o Humanismo* (1967). Na verdade já a sua proposição conduz a um questionamento, pois quando Riobaldo qualifica o homem de humano, naquelas três referências, parece estar chamando atenção justamente para esta questão. De fato, uma espécie de jogo articula e relaciona as três vezes em que a expressão é repetida, de maneira que ao observar as diferenças e semelhanças que as unem e separam mais ainda se verifica que a expressão é para ser pensada.

Rememorando cada uma delas: na primeira vez que a expressão é mencionada, denomina o “criaturo de Deus”, (...) “da cabeça prejudicado” (ROSA, 1994, p. 69) José dos Alves. Este primeiro homem humano referido é devorado pelos jagunços extenuados e famintos, incluindo o próprio Riobaldo, que egressos do deserto do Liso do Sussuarão, e ávidos por saciar suas necessidades, o confundem com um macaco

---

<sup>1</sup> (Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Ciência da Literatura)  
cardoso1898@oi.com.br

vultoso, e assim o matam, assam e comem, sem observar que àquilo que engoliram faltava o rabo denotativo: “(...) o corpudo não era bugio não” (idem), era homem humano. Na segunda vez, a expressão é usada por Riobaldo para denominar o conjunto dos jagunços, de quem afirma ter medo, a partir da opinião manifestada por Sidurino, e apoiada por todos, e mais uma vez inclusive por ele mesmo, Riobaldo, de que para reverter o estado generalizado de desânimo e fraqueza que os deprimia nada seria mais propício que “um vero tiroteio para exercício de não se minguar.” (ROSA, 1994, p. 577). Essas palavras, e o sistema jagunço que se ocultava por detrás delas, que implicava naturalmente na morte e no sofrimento daqueles que se encontravam nos cenários das guerras, motivam o terror e o temor de Riobaldo. Os homens humanos que alude agora, contrariamente à primeira alusão, são os devoradores, aqueles que por “obediência saudável e regra de se espreguiçar bem” (ROSA, 1994, p. 578), são capazes de matar.

Na aproximação destas duas referências, chama atenção, a primeira vista, a suposta contraposição daqueles que a expressão denomina da mesma maneira. Se na primeira vez o homem humano é José Alves, miserável devorado pelos jagunços, na segunda, o homem humano são os jagunços, que como cruéis devoradores davam “fogo contra o desamparo de um arraial, de outra gente, gente como nós” (idem). No entanto, há uma terceira menção, e esta parece se distinguir tanto da primeira como da segunda. Nela o que é mais evidente é justamente a impossibilidade do estabelecimento em qualquer um destes dois lugares. Pois se na primeira referência o homem humano se situa na posição de vítima mortificada pela crueldade e indiferença, qualidades supostamente associadas ao poder emanado do diabo, e na segunda, o homem humano está supostamente no próprio lugar do diabólico mortificador; nesta menção final, se desqualificam ambas as posições com a afirmação: “Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 1994, p. 875). Distinta às duas primeiras abordagens que reúnem homem e diabo a partir da vitimização ou da identificação em que um e outro são opostos ou similares, nesta terceira é projetado um encaminhamento da relação que por destituir um dos seus pólos, a anula, e assim se distancia das duas possibilidades anteriores. Uma vez que não há diabo, o homem humano ganha uma autonomia, se liberta da condição de devorado ou devorador que decorre de seu relacionamento dicotômico com o diabólico. Contudo, segue a afirmação de que o homem humano existe, a sentença-palavra “Travessia” (idem). Nela está presente uma via de atravessamento desvinculada da fatalidade de uma amarração, ou pelo menos, é lançada uma perspectiva de superação desta amarra. A libertação, entretanto, viabilizada propriamente pela travessia, implica não na anulação daquelas duas posições anteriores, mas na sua passagem e ultrapassagem. O homem humano não é nem uma coisa, nem outra; embora seja tanto uma coisa quanto outra. A ambigüidade parece ser o sinal que o distingue e notabiliza.

A observação dessas três passagens que apontam para o pensamento que questiona a humanidade no *Grande Sertão: Veredas* é a motivação desse trabalho que segue o seguinte roteiro. Primeiro são expostos os guias de leitura na iluminação e tradução desse pensamento coletados no “Diálogo com Guimarães Rosa” realizado pelo crítico Günter Lorenz (1995). A seguir, são investigados o acontecimento e os elementos dos quais advém a situação das três alusões, no jogo referencial que as aproxima e afasta. Daí, na intensificação das leituras possíveis desta expressão se adiciona uma quarta, descoberta no episódio do encontro de Riobaldo, já o chefe Urutu-Branco, com o homem leproso, o lázaro. Aí o homem e o humano aparecem cindidos, e se tornam engessadas uma e outra posição, do devorador e do devorado. Por fim, retorna-se à passagem final, quando pela última vez a expressão é mencionada, e a

partir da associação à questão da travessia surgida nesta referência, é recuperado o sentido do terceiro e o modo de inserção do humano no *Grande Sertão: Veredas* e na obra de Guimarães Rosa.

### 1.O homem e o sentir-pensar no credo roseano

Na leitura do “Diálogo com Günter Lorenz” se delineiam os traços da poética roseana, seu “credo” (p. 38), como denomina. Alguns destes elementos mostram-se explícitos, e dentre eles um que prontamente se eleva é o que considera seu amor pelo homem, mais exatamente pela vida humana, pelo que no homem é vida. O manifesto desse amor se espalha ao longo do diálogo, onde Guimarães Rosa afirma ser o homem a missão do escritor, que ao escrever o faz pela sua dignidade, por sua ressurreição, para livrá-lo do peso da temporalidade, porque o ama enfim. Mas são ainda mais manifestas na tessitura das próprias narrativas que compõe essa obra, onde se verifica uma contínua demonstração de encantamento com o ser humano do homem. O entusiasmo de Rosa pelo homem do sertão é compadecimento, ou seja, é sofrer junto em êxtase – sair de si, da sua intimidade e personalidade – para poder comungar com o outro que é o mesmo, com ele compartilhar mundo. Porque para Rosa homem e mundo, aliás, homem e sertão são uma coisa só, e no homem do sertão tem absoluta confiança.

Mas esse amor não se define numa relação garantida, ausente de crises. É uma relação tensa, em que se enfrentam Rosa e a humanidade, o poeta e o homem, que pelo encontro necessariamente devem morrer e renascer renovados, plenificados, pois a força erótica que os atrai traz como fruto, além da própria obra, o constituir-se completo de cada um dos pólos da parilha. Escrever essa obra faz nascer o homem Guimarães Rosa, – que é o poeta Guimarães Rosa –, e faz nascer um mundo habitado – o sertão roseano –, e como toda a concepção, há uma dor do parto. Pode se dizer que por requerer esse esforço toda sua obra é realmente complexa, pesada, mas é mesmo no suportar do seu peso que a cada leitor é dada a oportunidade de participar da geração, e eroticamente envolvido, também se inteirar. Aí se revela a leveza e a simplicidade, pois no empenho de conceber, a dor convive com a maior alegria. Essa é a graça da vida que Guimarães Rosa está sempre louvando. E no *Grande Sertão: Veredas* isto é particularmente verdadeiro, uma vez que nele se dá justamente a dramatização desse esforço. O esforço de Riobaldo em enfrentar-se com o homem que é, o mundo-sertão que habita e assim se enviar na realização da vida que protagoniza, sua tarefa.

Nesse sentido se relaciona outro dos elementos da poética roseana assimiláveis no diálogo, trata-se da expressão **sentir-pensar** forjada por Rosa na tentativa de ilustrar o que entende por **brasilidade**. Nesta associação busca salientar a possibilidade de um pensar particular que se realiza como língua portuguesa falada no Brasil. Na verdade, vislumbra seu próprio projeto de realização poética, pois reunindo harmoniosamente na sua obra as experiências do pensamento e do sentimento, da consciência e do coração, ele mesmo é o mais perfeito exemplo de brasilidade. Mas o sentir-pensar é próprio do homem, de sua singular necessidade de compreender e do deparar-se com os limites da racionalidade que se desvia ou anula tudo que escapa do esclarecimento. Porque todos os homens sabem que a experiência de existir é cheia de questões obscuras, insondáveis que a razão não alcança pensar. A convocação do sentimento, em sua familiaridade na experiência de lidar com o invisível, com o indizível, com o intangível, renova e impulsiona a consciência, levando-a a superar-se. Portanto, o sentir-pensar é indissociado do homem humano, é seu privilégio tanto quanto a razão.

Contudo, se a racionalidade é algo que se superpõe ao animal, de modo que ao homem enquanto animal é concedido o *plus* da razão, na perspectiva do sentir-pensar como essência humana do homem, a humanidade se realiza integralmente no seu

elemento, e é mesmo esta natureza sem par que mais se enfatiza na expressão homem humano. Não por acaso nas vezes em que é mencionada a bestialidade é o seu contraponto. De alguma forma na besta diabólica estão presentes tanto a superioridade divina quanto a inferioridade animal, mas o homem humano enquanto reiteração do próprio se diferencia na sua singularidade tanto de um quanto de outro extremo, e o sentir-pensar é sua manifestação mais radical.

## **2. O homem humano chamado José dos Alves**

No episódio da passagem pelo Liso do Sussuarão, sob a chefia de Medeiro Vaz, os jagunços devem atravessar o deserto, ou pelo menos deveriam – porque afinal aquela tentativa se mostra fracassada, com homens e animais mortos, doentes, impossibilitados. A princípio, a notícia da sua tarefa, não os assusta. Os jagunços são homens preparados para obedecer qualquer ordem fundamentada em sua valentia, sua força, sua capacidade de resistência. “Até, o tanto, houve, prezando, um rebuliço de festejo. O que ninguém ainda não tinha feito, a gente se sentia no poder fazer” (ROSA, 1995, p. 56). Além disso, os preparativos para a viagem eram completos, e o comando plenamente garantido. Aos poucos, entretanto, a aridez do deserto vai se estabelecendo. E como contrapartida da bem-aventurança desfrutada com alegria e inocência pelos jagunços na véspera da viagem, a natureza mostra sua rudeza terrível, nas árvores que minguam, na terra que resseca. A cada passo do bando, a intransponibilidade é colocada, os sinais do limite são demonstrados. Isto é o desértico, a impotência, a negação, a limitação humana, essa é a realidade que aparece avassaladora, e para qual toda a preparação se mostra precária, toda a coragem e disposição insuficientes (HAAR, 1997).

No cenário terrível do deserto desponta o horror humano diante do fim, e como contraponto à finitude, se eleva o poder diabólico. O que aparece como o inferno do homem enuncia a primeira referência ao pacto do Hermógenes nas palavras precisas de um jagunço que ressoam bem na entrada do deserto, “pontual nos instantes de o raso se pisar (...) – “... O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capiroto...” (ROSA, 1995, p. 60) Fazer o pacto é justamente rejeição e desvio à finitude na aspiração do poder ilimitado, vontade que se exercita na total subordinação e objetivação de tudo que a excede. Por isso se pode dizer que o exercício diabólico é de pura intranscendência, ou seja, de recusa a toda superação no sentido do esmagamento, da redução do que se lhe opõe, como se o infinito pudesse ser engolido e assim anulado. Almejar o não ter limites, em vez de implicar no ser ilimitado, importa em não alcançar o liminar, a possibilidade do aberto, o descortinar de horizonte.

O deserto que se mostra como o prenúncio do inferno é então intransponível. Essa não é uma característica dos desertos, nem do Liso do Sussuarão, tanto que mais além, sob outra circunstância e outra motivação, vai ser surpreendentemente atravessado pelos mesmos jagunços, sem nenhuma preparação e provimento. A questão é que na própria percepção do deserto como representação do mal e da delimitação se antecipa a inviabilidade do atravessamento. Da mesma forma somente o considerar a exequibilidade do pacto já prenuncia seu desempenho. “O que é pra ser – são as palavras!” (idem). Também pela força de realização do verbo como manifestação e advento, que a possibilidade infernal, proveniente da imaginação e das crenças do compadre Quelemém, alcança no sentir-pensar associativo de Riobaldo, a realidade da experiência concreta e indubitável do inferno humano que viu e ouviu falar no acampamento do Hermógenes. A partir daí a desertificação só se acentua, em mortes e sofrimentos. “Mas mor o infernal a gente também media. Digo. A igual, igualmente.” (ROSA, 1995, p. 62) A pressuposição da loucura de Medeiro Vaz, a fantasia da

inversão de sexo de Diadorim, até a perspectiva de sua própria deserção na possibilidade de sobreviver ao deserto, são todos indícios do rebelar-se a limitação e recusa à finitude introduzidos pelo índice mais significativo que é o pacto diabólico.

Mas naquela ocasião a força do limite é dominante, e na continuidade dessa crise, renúncia ao atravessamento compreendido como aquiescência à delimitação e reconhecimento da impotência, se configura a situação de aparecimento do homem humano devorado.

José dos Alves é morador de área fronteira ao deserto. Não é mais nem menos homem ou humano que os jagunços. Ele que é “da cabeça prejudicado” (ROSA, 1995, p. 69) é devorado pelo bando de “zuretados de fome” (ROSA, 1995, p. 68). A humanidade lhes é comum e é próprio ao homem perder a razão ante tanta precariedade de recursos, mostrando-se assim absurdamente desumano. Na verdade a existência de José dos Alves só advém quando ele, “enquanto estavam ainda mais assando, e manducando” (ROSA, 1995, p. 69), recebe nome, proveniência, história. Daí então aparece e como homem humano que é, passa a existir. Estranhamente, o extravio que se encontravam tanto ele como seus devoradores, reduzidos à indigência, os coloca no rumo da reversão, deparam com a mortalidade para poder sobreviver, e se o José dos Alves efetivamente sucumbe, sua existência sacrificada, demasiada humana, se destaca. Muitos dos jagunços não agüentam o peso da transgressão, já dispostos a fenecerem de fome. Alimentar-se da terra oferecida pelo cozinheiro Jacaré surge então como oportunidade de uma verdadeira purificação. Renovados, os jagunços continuam sua travessia por outros caminhos. O homem humano José Alves, de fato, na contingência de uma radical penúria, cometeram o ato desmedido de devorá-lo, essa fraqueza e essa limitação são próprias do homem, no entanto o que se verifica é que não há culpa nem recriminação. Há pesar, há enfermidade, dor, mas nos jagunços a vocação é prosseguir.

Esbandalhados nós estávamos, escatimados naquela esfrega. Esmorecidos é que não. Nenhum se lastimava, filhos do dia, acho mesmo que ninguém se dizia de dar por assim. Jagunço é isso. Jagunço não se escabreia com perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. (ROSA, 1995, p.71)

### **3. Jagunços: homens humanos**

Após a batalha na Fazenda dos Tucanos, a fuga a pé, os erros de rota, o encontro com os estranhos catrumanos do Pubo e a passagem pelo povoado doente do Sucruiú, os jagunços se encontram esgotados e enfraquecidos – na ocasião, sob a chefia de Zé Bebelo, a parada no lugar denominado Coruja se distende para cuidado e descanso de alguns que estavam com a malária, outros que sofriam de diferentes mazelas, e o desânimo era generalizado. Riobaldo sofria de uma doença corporal indeterminada que o incomodava, mas seu desconforto maior provinha do abatimento que percebia generalizado entre todos, diminuídos, impotentes, frouxos, acomodados no infortúnio. Zé Bebelo que tanto admirara em sua coragem e astúcia, também lhe parecia fraco, temeroso, incapaz de reverter o desânimo que os tomava. Mais uma vez a situação é de confrontação com o limite das forças humanas. Já os catrumanos anunciavam o que sinalizava os confins do sertão, sua fronteira extrema que parecia não apontar nenhum além.

O pacto aparece então para Riobaldo como o único modo de enfrentar a derrota inexorável implícita às delimitadas possibilidades do homem. Fazer o pacto, na concepção fáustica, significa dotar o homem comum de poderes extraordinários, não mais ser o “raso jagunço atirador, cachorrando por este sertão” (ROSA, 1995, p. 574),

mas alçar o “alto destino possível” (ROSA, 1995, p. 575). Sua lógica é justamente o desvio do humano, a negação do humano do homem, e o rumar a uma destinação inumana, onde a vitória e o enriquecimento do homem que pactua se destaca. Trata-se, portanto, do oposto à superação e à transcendência, mas da iniciativa de desistência e abandono do humano e do investimento no homem soberano. Daí porque a diabolização decorrente do pacto implica no apartamento de toda a natureza, inclusive e principalmente da própria natureza humana. E nesse sentido a apropriação humana do homem que comparece na expressão homem humano é o que mais se distancia do diabólico.

A raiva de Riobaldo, a grima que cultiva se volta então para os companheiros, que mostram uma inusitada face humana – por um lado, enfraquecidos, por outro, prestando auxílios e mutuamente se amparando – e, sobretudo para Zé Bebelo, que não se apresenta à altura da superioridade que lhe era requerida, incapaz de zelar pela incumbência maior conferida pelo cargo, que é o comando, o governo sobre o destino de todos. “Zé Bebelo, para mim, tinha gastado as vantagens. Zé Bebelo murchava muda na cor, não existia mais em viço para desatinos” (ROSA, 1995, p. 575). É interessante notar que a ausência dos desatinos reclamados por Riobaldo, muito peculiares à Zé Bebelo, provém exatamente dos exageros da razão, que agora lhe são típicos. O refletir calculante domina sua vontade toda voltada para o pacto, solução que se apresenta tanto mais imediata quanto mais eficaz. Torna-se uma idéia fixa, por ser incontestável, garantida, isto é, dotada de todos os atributos derivados da racionalidade.

Paradoxalmente, é do interior desta sanha que provém a fala de Riobaldo, que diz temer o homem humano ao ouvir os jagunços lamentarem “a carência de um vero tireteiro, para exercício de não se minguar... A alguma vila sertaneja dessas, e se pandegar, depois, vadiando...” (ROSA, 1995, p. 578) De fato, esse pensamento é próprio do homem humano, aquele mesmo que aparece devorado no Liso do Sussuarão e que se sabe no poder de voltar ao vigor devorando. Os jagunços clamavam pela vitalidade que se esvaía, o que já havia sido percebido até com mais intensidade pelo próprio Riobaldo – que concorda imediatamente com o comentário – e o faziam invocando a vida que lhes cabia. Sem dúvida nenhuma que há aí uma desmedida, obviamente que o sistema jagunço é descompensado, desequilibrado, sujeito a todo erro, “e quantas outras doideiras assim haviam de estar regendo o costume da vida da gente.” (idem). No entanto, na vida o que se integraliza não é o mal nem o bem. Nela se comportam a morte e o sofrimento, mas se realiza também a alegria, o amor e a verdade. Isso é o sertão e o jagunço, é o homem no mundo.

Na conclusão que finaliza o raciocínio de Riobaldo de que era o “único quem tinha responsabilidade séria neste mundo, que confiança mais não depositava em ninguém” (idem), que era senhor de vantagens incomparáveis e que por isso era respeitado, demonstra o ensimesmamento que oculta uma absoluta vontade de controle, característica principal do pactário.

Contudo, e daí a peculiaridade de Riobaldo, essa mesma ira nutrida e nutriente da reflexão ensimesmada que o consome, é também inspirada e inspiradora do sentir-pensar que o conduz à meditação mais profunda, voltada para o encoberto, atenta aos perigos da consumição, e mais ainda, mobilizante de uma transformação. De fato, a fraqueza e subsequente estagnação que dominava o bando sob a chefia inoperante de Zé Bebelo, requeria uma força de impulsão que somente a potência daquela ira de Riobaldo propiciava. Porém, deve ser enfatizado, que é somente por obra da união erótica que o conjuga a Diadorim, que o sentido da sanha pode ser revertido. E a angústia o acompanhará no questionamento da efetividade dessa reversão, decorrendo na pergunta sempre reiterada se fez ou não o pacto, vendeu ou não sua alma ao diabo. “Não é uma

pergunta que implique em resposta, como diz o sábio compadre Quelemém: Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais...” (ROSA, 1995, p. 874) Mas é mesmo na permanência da pergunta que se encontra a essência humana do homem Riobaldo, e isto quer dizer que é porque não se fixa nem em uma nem em outra resposta, que efetua a travessia.

#### 4. O lázaro e a expropriação humana do homem

Antes de prosseguir com a terceira menção ao homem humano, esta que a liga justamente a travessia, ressalta no episódio do encontro de Riobaldo, agora o chefe Urutu-Branco com o lázaro, o que pode ser chamado uma contra-referência, ou melhor, uma referência que indica a contraposição, onde homem e humano aparecem dolorosamente dilacerados pela desunião. Na verdade, a partir daí se justifica a necessidade da afirmação do seu laço conforme as três referências observadas, considerando o amor ao humano do homem que fundamenta a poética roseana.

A ascensão a chefe radicaliza a experiência de Riobaldo, jagunço no sertão, destinação que requer e concede uma simultaneidade e uma confluência, de modo que estejam ambos indiscerníveis numa mesma dimensão já não se podendo perceber onde termina um e começa outro. Corresponder ao sertão, na sua grandeza, seus rompantes, sua força, sua obscuridade, sua beleza é a tarefa que cabe nessa vinculação, homem-mundo, mais propriamente um acasalamento. Riobaldo a aceita com alegria e vigor, na realidade, a recebe tomando o oferecimento do destino como sua própria vontade, e ser chefe fica fazendo parte do ser integral dele mesmo, Riobaldo, cumprimento da travessia que nunca cessa, na cumplicidade erótica com Diadorim, com os riscos e sacrifício que demanda. No entanto, no empreendimento de ser chefe e assumir o comando também se implicam sinais da prepotência voluntariosa oriunda das forças diabólicas que definem o pacto. Na perspectiva da efetivação da promessa de promoção do pactário no homem mais homem, no homem, cuja individualidade subordina todos os homens, todo tipo de excesso é exercitado. E na agitação dessa crise, no conflito dessa tensão de forças que o sustenta Riobaldo algumas vezes ameaça desabar aniquilado na sua própria ânsia de aniquilação. É toda uma aprendizagem que se inicia na Fazenda Barbaranha no encontro com o seo Ornelas, prossegue no embate com o caixeiro-viajante Constâncio Alves, atinge o auge na confrontação absurda com o homenzinho-da-égua, e culmina no enfrentamento do lázaro. Em cada uma dessas passagens o drama do homem frente-a-frente ao humano se desempenha: rescindem e conciliam, colidem e se abraçam, padecem no estranhamento e no afeiçoamento. E a cada vez a dialética do devorador e do devorado mostra que é equivocada, quando diabolicamente, o homem almeja assegurar o lugar do devorador, mais adiante, é devorado – a humanidade o resgata da **hominização** exacerbada.

No episódio com o lázaro, no entanto, o resgate fica ameaçado. Primeiro, o lugar do devorado, quer dizer, do fraco, desprotegido, desamparado, lugar preenchido sequencialmente pela mocinha, depois o gordo da cidade, depois pelo homenzinho pobre, agora é ocupado pela própria miséria humana que é o leproso. Segundo, as energias de Riobaldo estavam se consumindo, pois os esforços exigidos para a redenção eram paulatinamente maiores. Por fim a sucessão continuada dos acontecimentos vai fortalecendo o compactuar diabólico e a dominação da “vontade de vontade” (HEIDEGGER, 2000) faz dele também um desvalido.

“Eu tinha de esmagalhar aquela coisa desumana.” (ROSA, 1995, p. 704). Assim começa o processo de deslegitimação do humano que deve ser destruído, por que se encontrar vivo é um contra-senso, o leproso é o homem terminado, para todos os

efeitos, já morto. No leproso se atormenta a razão do homem, aliás, como também na miséria, na dor, e afinal na própria morte, exposição escancarada das nossas limitações, da nossa finitude que aparece abissal, monstruosa e incontornável. Nesse sentido a estória protagonizada por Medeiro Vaz que mata o mau leproso é o apaziguamento desse tormento. Se o que parece ruim é realmente mau então tudo fica mais fácil, o problema é quando o que parece repugnante é simplesmente o homem.

Que é que adiantava que, àquela hora, os passarinhos cantassem, acabando de amanhecer o campo sertão? A enquanto sobejasse de viver um lázaro assim, mesmo muito longe, neste mundo, tudo restava em doente e perigoso, conforme homem tem nojo é do humano. (ROSA, 1995, p. 707)

Se o homem soberano mede todas as coisas segundo sua própria estatura, o leproso vem lhe lembrar que igualmente compartilha dessa medida. É o irmão indesejado, imposto, conjunto à coleção de bens obtida do mundo, como os passarinhos, o amanhecer, o amor por Otacília, o sertão, Diadorim. Se a partir da junção do leproso tudo é perdido, renegar o leproso significa perder todas as coisas que assim reverterem às suas dimensões próprias. O leproso é o deserto superlativo, homem humano devorado que devora o devorador. Incapaz de “emendar o defeituoso” (idem), ciente de que por trás da podridão visível, o “sangue do coração dele é são e quente” (idem) não há outra escapatória para Riobaldo, além da fuga.

## 5. Homem humano em travessia

Na travessia o círculo vicioso instaurado pelo nojo ao humano – devorado que devora o devorador – se restaura. Torna-se o círculo virtuoso que transcende a diabolização, divisor de homem e humano, conduzindo ao enlace harmonioso, o retorno ao próprio. Parece estranho que todo um caminho tenha que ser trilhado simplesmente para se alcançar o que já nos constituía e pertencia, no entanto é justamente isso que se mostra na obra, do quanto é necessário atravessar para se chegar a ser o que se é, como no verso de Píndaro. Ir ao encontro do próprio é a iniciativa da travessia, e nela o que é mais significativo. Mas como se dispor à travessia? Percebemos imediatamente a distância que nos separa do que é nosso? E o que se realiza no percurso? A travessia é uma conquista ou é uma doação? Riobaldo é quem diz: “Sei de mim? Cumpro” (ROSA, 1995, p. 874).

No *Grande Sertão: Veredas*, pode-se dizer, na obra de Guimarães Rosa como um todo, cumprir significa obedecer à destinação, uma questão fundamental na trajetória de Riobaldo. No que lhe é destinado concebe uma graça, presente de vida, que só lhe cabe aquiescer. Obedecer ao destino não quer dizer ser passivo aos desígnios, mas corresponder ao oferecido, intuir seu sentido e ir ao seu encontro, ou seja, atravessar. Desde a travessia originária do Rio de Janeiro, levado pelo Menino, Riobaldo sempre esteve atento e cuidadoso no cumprir o destinado, ainda que admirado e temeroso de seus mistérios. Também Rosa no diálogo com Günter Lorenz (1995, p. 38) alude ao destino como tarefa que a cada homem é concedido lugar e tempo para cumprimento.

Complementarmente, cumprir é também consumir de vida, morte que é culminação e plenitude de uma vida que se cumpriu, travessia de uma vida que cumprida, renova a força de seu sentido. Assim Riobaldo se refere aos últimos momentos da vida de Medeiro Vaz, e Rosa à morte do seu antecessor João Neves da Fontoura, no discurso de posse na Academia (1968). Combinando uma e outra acepção, a travessia se cumpre por obediência, não obstante toda a obscuridade que a enceta, e



porque viver é atravessar. “Nonada” (ROSA, 1995, p. 875). Sem mais razão, do que por se estar vivo.

A experiência de travessia de Riobaldo não tem a exemplaridade dos modelos a serem imitados. Riobaldo completa, cumpre, como ele diz, um percurso e absolutamente não chega a lugar nenhum, a não ser o próprio – mas o advento do próprio é de cada um. Portanto, sem ser um exemplo, a travessia que é sua é um convite a travessia de todo homem humano. Não por acaso a obra se constitui de um diálogo, o que quer dizer, escuta e abertura a travessia que se propaga fluente, laço amoroso presente tanto em Riobaldo como em Rosa.

Nesse sentido finalizamos retornando às questões norteadoras de sua poética para assinalar que o sentir-pensar é motriz ao mesmo tempo do que se jorra na travessia como matéria vertente – “o que dá corpo ao suceder” (ROSA, 1995, p. 134) – como do que a partir dele é propiciado – o contar. É tanto o próprio como o apropriar-se. Em outras palavras, no narrar da travessia, a travessia se perfaz.

## **Conclusão**

A hermenêutica do homem humano – motivo desse trabalho – segue esse mesmo percurso, e nesse perseguir encontra sua justificativa. Não implica, portanto, em atingir um ponto de chegada, de modo que se esclareça enfim o que é, ou quem é o homem e o humano na narrativa de Riobaldo, mas de ressaltar o trajeto da continuada procura.

Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza. De ver o homem, em pé, diante de mim, recrescer e tornar a minguar – isto tudo no meu juízo – nem sei de que estimas me esquecia e de que outras me lembrava. (ROSA, 1995, p. 594)

Na demanda de sua própria experiência de ser, atento e sensível ao homem que é, Riobaldo empreende a travessia que o projeta não apenas no rumo da investigação de sua diferença, mas o lança no horizonte de questionamento do humano. Amorosamente entregue a experiência vital que lhe foi oferecida, ainda que consciente da sua transitoriedade, percebe a coincidência que relaciona o lugar do homem à vida de jagunço de que foi aprendiz. Em ambos prepondera esse meio-do-caminho em que nos encontramos jogados, arremessados como a azagaia.

Com efeito, tal como o jagunço, o homem humano se encontra essencialmente em travessia, embora nem sempre possa suportar o que lhe é próprio: a provisoriedade, o esforço, a alegria de sair rumo ao destinado.

O homem humano não é o devorado nem o devorador, embora necessite ser tanto um quanto o outro, – “(...) algo assim como um Raskolnikov sem culpa, e que entretanto deve expiá-la.” (ROSA, 1995, 1995, p. 60)

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HAAR, Michel. **Heidegger e a essência do homem**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1967.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche. Metafísica e niilismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. Diálogo com Günter Lorenz. In: **Ficção Completa em dois volumes**. Volume I. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1995, p.27-61.

\_\_\_\_\_. “O verbo & o logos”. In: **Em memória de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1968, p.55-87.